

Diálogos entre poesia africana de língua portuguesa e escritores brasileiros: Corsino Fortes, João Cabral de Melo Neto e Manoel de Barros

Entrevista a Simone Caputo Gomes

*Rosidelma Fraga
(Universidade Federal de Goiás)*

ROSIDELMA FRAGA: Professora Simone Caputo Gomes, com base em sua atuação na pesquisa no programa de Pós-Graduação de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa e nas disciplinas de Literaturas Africanas na USP, bem como no reconhecimento que já recebeu do Presidente da República de Cabo Verde Dr. Pedro Piões, como a Senhora explica o papel do arquipélago de Cabo Verde?



SIMONE CAPUTO GOMES: Cabo Verde foi sede da primeira cidade implantada pelos europeus na África, a da Ribeira Grande da ilha de Santiago, hoje chamada Cidade Velha e concorrendo em 2008 a Patrimônio da Humanidade. Aí começou a formar-se uma cultura mestiça *sui generis*, advinda da fusão do patrimônio do colonizador branco europeu (português, no caso), com as tradições das várias culturas africanas que eram deslocadas para Cabo Verde, rota de navegação privilegiada (por ser intersecção entre Europa, África e Américas) e entreposto de mercadorias para comércio (inclusive de escravos). No presente, esta rota passou a estender-se à aviação. Assim, o arquipélago de Cabo Verde sempre teve uma função de elo de transmissão e na área da literatura não foi diferente. Em termos de poesia africana, os autores cabo-verdianos, desde muito cedo, privilegiaram o aspecto dialógico da literatura, inovando, no entanto, por deslocar o centro do diálogo de Portugal, paradigma colonizador, para o “modelo” brasileiro, porque o Brasil era uma nação ex-colonizada, já independente e em expansão de rumos políticos e culturais. Em pleno domínio da ditadura salazarista, os intelectuais cabo-verdianos como Jorge Barbosa,

Baltasar Lopes intensificavam uma interlocução com a literatura brasileira, especialmente a poesia, adotando parâmetros praticados pelos modernistas, como aproximar-se da língua “do povo”, mote de Bandeira, ou tratar de temas nativistas (que evoluíram, mais tarde, para a formação de um sentimento nacional). Este processo, é claro, aconteceu também em Angola, Moçambique, por exemplo, mas destacou-se sobremaneira em Cabo Verde, com o grupo *Claridade*.

RF: Em entrevista ao portal da embaixada de Cabo Verde no Brasil, a Senhora destacou que o investimento caríssimo quanto à dessalinização da água em várias ilhas no país Cabo Verde trouxe mudanças positivas. Os escritores africanos destacam muito o ilhéu castigado em suas obras, o que permitiria um diálogo com as produções literárias do Brasil dos anos 1930. O poeta Corsino Fortes, além dos flagelos, parece anunciar a esperança como uma aura em alguns poemas. Essa mudança nas ilhas de Cabo Verde pode ser significativa nas obras dos poetas de agora ou do futuro, ou a cicatriz fica na mão do poeta?

SCG: A cicatriz era mais visível nas obras dos anos 30, dos claridosos fundadores, como Manuel Lopes, que tratavam diretamente do tema da seca e da conseqüente fome e miséria. Nos anos 40, secas de até seis anos assolaram Cabo Verde. Os poetas e ficcionistas deste período, é claro, falavam dos temas que mais mobilizavam a população cabo-verdiana, e o flagelo da seca foi o grande motivador de muitos textos antológicos. Com a independência do país, o investimento dos sucessivos governos na melhoria da qualidade de vida (Cabo Verde hoje já saiu do bloco dos países menos desenvolvidos) e com a superação das dificuldades geoclimáticas, que a colonização portuguesa predatória e violenta agravava, o arquipélago está em pleno desenvolvimento, proporcionando à população investimentos caros como o fornecimento de água potável. A esperança, agora, habita mais facilmente o discurso, mas nunca deixou de existir. O cabo-verdiano é, antes de tudo, um resistente, que fabrica a sua própria água, mesmo quando ela não existia quase, semeando em pó.

RF: Há algum poeta africano, dentre as relevantes vozes, que destacaria? Por quê?

SCG: São muitos e não quero, com uma ausência de citação em virtude do espaço exíguo de uma entrevista, que nenhum se sinta injustiçado. Vou, portanto, citar alguns dentre os muitos excelentes: Corsino Fortes, Mário Fonseca, Jorge Barbosa, Vera Duarte, de Cabo Verde; José Craveirinha, Noémia de Sousa, Luís Carlos Patraquim, de Moçambique; David Mestre, João Melo, António Jacinto, de Angola; Odete Semedo, da Guiné Bissau; Conceição Lima, de S. Tomé e Príncipe, e muitos outros. Ficaria aqui, como dizia Camões, mil anos citando-os.

RF: Quais poetas a Senhora destacaria na vertente do erotismo, que é uma das marcas das literaturas africanas?

SCG: Corsino Fortes, Filinto Elísio e Vera Duarte, de Cabo Verde; João Melo e Ana Paula Tavares, de Angola; Luís Carlos Patraquim, de Moçambique, são, dentre muitos outros, mestres da poesia erótico-amorosa nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – PALOPs.

RF: A Literatura Africana de Língua Portuguesa estabelece um diálogo com a literatura brasileira. Luandino Vieira, Mia Couto com Guimarães Rosa. Vejo

ainda Ana Paula Tavares, Eduardo White, Corsino Fortes, Manuel Lopes e tantos outros excelentes escritores a fazê-lo. Como Simone Caputo Gomes vê essa intertextualidade?

SCG: O diálogo cultural e o hibridismo são características marcantes da formação e da expansão dessas literaturas do macrossistema de língua portuguesa. O Brasil, sua cultura e sua literatura constituíram um paradigma nas identificações culturais e políticas que forjaram essas nações, proporcionando um deslocamento de uma subserviência a modelos e cânones do colonizador para o encantamento e o diálogo com um irmão ex-colonizado e em franco desenvolvimento político e cultural. É natural, pois, o diálogo Corsino-João Cabral, Luandino e Mia-Guimarães Rosa, Jorge Barbosa e Baltasar Lopes-Manuel Bandeira, e tantos outros. Esta intertextualidade não é apenas temática, é estrutural, no caso de algumas obras, como a de Corsino.

RF: Sei que a senhora já esteve pessoalmente com o poeta Corsino Fortes. O que tem a dizer dele como pessoa e como poeta?

SCG: Como pessoa, uma das mais fascinantes que conheço. Um diplomata, de fina erudição e educação, um lorde no trato, um sedutor no convívio. Belo por fora e, especialmente, por dentro. Amante da música e da poesia. Poeta excepcional, considerado, sem dúvida, o poeta-maior de Cabo Verde neste momento. É eletrizante vê-lo e ouvi-lo falando de (e dizendo) sua poesia, falando de sua autobiografia.

RF: A senhora acredita que um poeta possa assumir nitidamente que dialoga com outro poeta? Será que Corsino Fortes afirmaria ter bebido na poesia toda de João Cabral de Melo Neto?

SCG: Corsino afirma isto em alto e bom som. É também um poeta da pedra, como Melo Neto, da construção cuidada do poema. Diz-se um grande admirador de João Cabral e ambos cantam as dificuldades de viver numa terra seca, com muitos obstáculos para o homem que a habita.

RF: Quanto a Corsino Fortes, acredito que não tenha lido Manoel de Barros, mas como leitora posso provar algumas semelhanças entre os dois. Há o poema “Páscoa de Pedra” que separei para a minha dissertação e nele destaco na primeira leitura o diálogo com Manoel de Barros e na segunda parte com João Cabral, com alterações de sentido, uma vez que o discurso segundo pode transformar o sentido do texto primeiro conforme explica Júlia Kristeva. Como a senhora enxerga essa possibilidade?

SCG: Acho que é rentável, porque Corsino conhece muito bem a obra de João Cabral. A de Manoel, parece-me também que sim, mas não é como as afinidades com a poesia de João Cabral, que são mais estreitas, nos temas e na forma de poetar.

RF: Quantos países da África a senhora já conheceu e o que pode falar sobre a terra, as ilhas e os rituais africanos?

SCG: Conheço muito e apenas Cabo Verde, ao vivo e a cores. Sete das nove ilhas habitadas. Tenho a meta de ir a Moçambique e Angola proximamente. O que me chama a atenção na África é a beleza, por fora e, sobretudo, por dentro

das gentes. Gente indômita, valente, batalhadora, que não conhece a palavra "obstáculo". Por isto a pedra é um ícone apreciado, sinônimo de obstáculo sempre a ultrapassar. A beleza das paisagens, muito diversas e imponentes, também deixa o visitante sem fôlego. Posso dizer que já amo a África, seu vento, o cheiro da sua terra, as paisagens vulcânicas, os abismos e cumes, a amorabilidade com que os africanos nos recebem, o amor que demonstram pelo Brasil. E, sobressaindo, a importância que dão às suas tradições e culturas, bilhetes de suas identidades. Quanto aos rituais, são variadíssimos (dentro de um mesmo país, inclusive) e me interessam bastante pelas tradições em todos os seus aspectos: culinários, de comportamento, festas, rituais de vida e morte, tradições orais, música, artesanato, enfim, uma riqueza de patrimônio que merece e espera por ser estudada em profundidade.

RF: A senhora fala crioulo? Ouvi Corsino Fortes declamando poemas em seu sítio pessoal (<http://www.simonecaputogomes.com.br>) e fiquei seduzida pelo sotaque. Como se sente ao tocar de perto essa língua, esse povo?

SCG: Não falo crioulo, arranho. Mas é uma das minhas metas o estudo do crioulo, para ter acesso a tradições orais que aprecio, mas ainda não domino a sua estrutura, especialmente linguística. Converso, entendo as conversas, mas os cabo-verdianos são pacientes e procuram entender o meu português abasileirado carioca. O contato com a língua e o povo crioulo é emocionante, sobretudo pelas semelhanças que capto com relação ao modo de vida e à língua dos brasileiros. Às vezes digo coisas, em meu português carioquês, e a Dulce Almada Duarte, minha grande amiga e mestra maior da língua crioula, observa espantada: "Isto é crioulo!".

RF: Em *Pão & Fonema*, de Corsino Fortes, o sujeito lírico retrata o povo, o chão, a fome como apelo e denúncia. Em *Árvore & Tambor* o poeta evoca os elementos genesíacos, assim como *Pedras de Sol & Substância*, trabalha com o símbolo do tambor, da imagem e do som com a força do ritmo. Em *Pedras de Sol & Substância*, percebo a forte persistência da pedra, como pedra de identidade, páscoa de pedra, pedra rolada, pedra do arquiteto que me permite enxergar o Cabral e o Manoel de Barros. Como traduz a poesia de Corsino Fortes e que inovação sua poesia traz para a Literatura Africana e onde situá-lo? Em que período da literatura africana ele se enquadraria melhor?

SCG: Corsino é um contemporâneo, sempre em atualidade, mas sua poesia radica num modernismo (com raiz brasileira) construtivista. Daí a importância da pedra. O poeta é leitor de Cabral e dos concretistas, e é nesse campo que se situa a sua maior inovação: no da linguagem, de entendimento da literatura como domínio da e criatividade na linguagem e na língua.

RF: Conheço, de Corsino, *Pão & Fonema*, *Árvore & Tambor*, *Pedras de Sol & Substância*, reunidos na trilogia *A cabeça calva de Deus*. Ele participou de várias antologias e publicações em jornais antes de publicar seus livros. Entretanto, não tenho notícias sobre a continuidade de produção do poeta Corsino Fortes. Sabe algo sobre outros livros que ele está escrevendo?

SCG: Realmente, esta é a sua grande obra, a trilogia que compõe *A cabeça calva de Deus*, escrita originariamente em livros separados. Como pode perceber, a obra de Corsino é um plano, que se vai desenvolvendo livro a livro. Os poemas saem prontos na cabeça e na voz de Corsino e depois migram para o papel. Estamos organizando um evento cabo-verdiano e pensamos trazer,

ainda este ano, Corsino ao Brasil e a pergunta sobre o que está compondo agora poderá ser feita a ele, pessoalmente (o evento ocorreu em novembro de 2008, posteriormente a esta entrevista).

RF: Leio os poemas de Fortes e vejo o retrato da nudez e das árvores, por vezes, arvoredo de sedução, a mãe transformada em ilha nua. Posso, dentro das fendas do erotismo, relacionando com *A dupla chama* de Octavio Paz, ver o erotismo explícito em sua poesia ou esse ilhéu nu retrata apenas a seca? Como a senhora conceberia o erotismo nos versos dele?

SCG: Corsino é um poeta da sedução. O erotismo da mulher mestiça cabo-verdiana, o telurismo, são linhas que se fundem. As ilhas são mulheres, sedutoras Vênus ou mães férteis (mesmo que na terra-seca).

RF: A pedra e o vento são obstáculos para o cabo-verdiano? Como a senhora vê esses vocábulos na poesia de Corsino Fortes?

SCG: Não considero assim. Para o cabo-verdiano não há obstáculo. Este existe para ser dominado, supõe sempre uma atividade épica que o supera. Sobreviver, na época colonial, face ao descaso do colonizador português frente ao sofrimento do povo cabo-verdiano assolado pela seca, fome e doença, era uma tarefa hercúlea.

RF: Vejo que o sujeito lírico fortiano retrata também o ilhéu castigado pela seca, mas com imagens que tocam o leitor, fazem do poema imagem, conforme nos ensina o poeta e crítico mexicano Octavio Paz. Comente:

SCG: A imagem é um artifício fundamental em textos cabo-verdianos. Costumo dizer que a literatura cabo-verdiana é uma “literatura de espaço”. Muito comum é visualizarmos verdadeiras paisagens ou cenas em textos poéticos ou ficcionais. Outro dado, grande parte dos escritores domina outra arte, como a pintura. No caso de Corsino Fortes, a palavra é tratada de forma tão concreta que muitas vezes funciona como ícone. Por exemplo: pedra, milho, vento (imagem fundamental, Cabo Verde não seria Cabo Verde sem os ventos fortes que trazem ou negam a chuva), cabra são elementos icônicos das cenas cabo-verdianas.

RF: Tenho uma curiosidade. O poeta fala muito de um deus passeando nas ilhas. O título da sua trilogia também é *A cabeça calva de Deus*. O que a senhora diz acerca do aspecto lendário na poesia dele e de outros poetas africanos?

SCG: Na verdade, há várias lendas sobre a formação das ilhas cabo-verdianas. No caso da trilogia, Corsino representa a(s) ilha(s) – como *cabeça* porque redonda, cercada de mar por todos os lados, e *calva* porque seca – sempre com um metaforismo redondo (expressão de Ana Mafalda Leite) como se elas fossem um cosmos criado por um artista maior, Deus (detalhe: o redondo também é símbolo da divindade). Outros autores, como Danny Spínola, atribuem a criação de Cabo Verde a uma deusa; outros assemelham as ilhas a mulheres-deusas ou a divindades da mitologia grega, como as Hespérides. Enfim, há bastante trabalho neste campo.

RF: Depois da Lei 10.639, que obriga a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", a senhora percebeu algum crescimento de estudos de Literaturas Africanas no Brasil ou a Lei não despertou interesse maior? Comente.

SCG: O interesse é enorme e nós, pesquisadores da área, temos que ter uma verdadeira militância para que preconceitos sejam abolidos e conceitos sejam mais profundamente compreendidos, além dos contextos africanos, para que os brasileiros realmente se aproximem mais de uma costela que compõe a sua identidade e que é mantida na invisibilidade. O governo Lula teve esta iniciativa louvável de obrigar o brasileiro a se conhecer mais e às suas ancestralidades.

(Recebido para publicação em 14/11/2008,
Aprovado em 17/01/2009)